

Sítio Camponês: Um Sistema Ecológico para Produção de Alimentos na Região Canavieira Pernambucana

Small Farm: The Ecologic System to the Foods Production at the Cane Zone From Pernambuco

FIGUEIREDO, Marcos Antonio Bezerra. Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, mfigueiredoufrpe@gmail.com; LIMA, Jorge Tavares de. Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, jorgetvs@hotmail.com; GUZMÁN, Eduardo. UCO – ISEC, ec1segue@uco.es.

Resumo

A região de Mata Atlântica pernambucana também conhecida como Zona Canavieira é uma faixa de terra úmida e costeira que ocupa menos de 10% do território do Estado. Esta é caracterizada por uma conflitividade agrária histórica, sendo palco de tensões sociais entre modelos de apropriação dos recursos naturais. Nestes etnoagroecossistemas os camponeses manejam a biodiversidade com a finalidade de obter uma produção diversificada e permanente orientada para a reprodução social, opondo-se ao modelo capitalista do latifúndio canavieiro, artificializado e dependente de insumos externos. Ao contrário disto, os camponeses potencializaram os recursos renováveis para responder a crise de alimentos gerada pelo latifúndio canavieiro. Desde esta perspectiva, os sítios, desenvolvidos a partir dos conhecimentos tradicionais, se constituíram em lugares de morada e trabalho para famílias camponesas. Prioritariamente voltados à produção de alimentos e outros produtos de valor de uso, destinados ao auto-consumo e mercado local. O presente artigo é produto de uma investigação acadêmica mais ampla, baseada na metodologia de estudo de caso em assentamentos rurais dos municípios de Ribeirão e Sirinhaém, na referida região.

Palavras-chave: Campesinato, biodiversidade, auto-consumo.

Abstract

The Atlantic Forest from Pernambuco, known too as sugar zone, is a ranger damp and coast land, which occupies less than ten percent of the territory. It is characterized by agrarian historic conflict that is scenery of socials tension between appropriation models of the natural resources. At these etnoagroecosystems the peasants handle the biodiversity with the finality to obtain a diversified and permanent production into a social reproduction, contradicting to the capitalist model of the latifundium of the sugar cane, artificialized and dependent of the external products. On the contrary, the peasants empowered the renovate resources to answer the food crisis generated by the latifundium. From this perspective, the small farms that were developed by a traditional knowledge have been constituted in works and residence place to peasant family. Priority back to the food productions and other products of use values, designated to the self consume and local market. The present article is product of a academic investigation more expansive, based in a metodologie of study case in rurals settled of the Ribeirão and Sirinhaém city, on the refered región.

Keywords: Peasant, biodiversity, self-consume.

Introdução

O sítio camponês também denominado de “sítio de moradores” tem suas raízes vinculadas à práxis do campesinato, que desenvolveu dentro do latifúndio canavieiro sistemas agroalimentares biodiversos para atender às necessidades de auto-consumo de alimentos, energia e outros materiais imprescindíveis à reprodução social. Estas experiências forjadas dentro de terras de usinas e engenhos da região canavieira pernambucana foram construídas a partir do conhecimento tradicional, sendo uma referência histórica enquanto um modo de apropriação

Resumos do VI CBA e II CLAA

ecológico dos recursos naturais, opondo-se ao modelo latifundiário e especializado da cana de açúcar.

Se por um lado, as circunstâncias históricas de surgimento e as relações socioeconômicas estabelecidas em torno dos sítios foram analisadas em diversos trabalhos (ANDRADE, 1998; DABAT, 2007), verifica-se por outro uma lacuna em relação ao seu significado socioecológico. De fato, existe uma carência de investigações sobre a sua racionalidade ambiental e seus impactos sobre a economia camponesa. Do mesmo modo que a sua dimensão política para o campesinato também parece ainda pouco explorada. Assim, sob diversos aspectos enfocados, os sítios constituem um tema importante de pesquisa, que aqui será abordado com a finalidade de demonstrar sua eficiência ecológica para a produção de alimentos na região canavieira pernambucana. Um contexto herdado da estrutura colonial que mantém a propriedade latifundiária e o monocultivo como características marcantes de um modelo concentrador, perverso ao meio ambiente e historicamente deficitário na produção de alimentos. Realidade que inspirou críticas potentes sobre a insegurança alimentar e a fome (CASTRO, 2006), e que tendem a se agravar na atualidade com os incentivos governamentais para expansão do agronegócio canavieiro para produção de agro-combustível (SANTOS: 2007; MENDONÇA, 2006).

Desde uma perspectiva histórica, os sítios de moradores já aparecem na legislação federal em 1944, sendo regulamentados em 1965. Não obstante o contexto autoritário onde foram inseridos, estes cumpriram um papel socioeconômico importante enquanto lugar de trabalho e morada para muitas famílias camponesas, tendo se transformado em função disto em uma reivindicação central do movimento sindical de trabalhadores rurais nas negociações coletivas com os empresários do açúcar. Os sítios possuíam, em média, dois hectares de terras onde as famílias construíam suas residências e praticavam uma agricultura diversificada, composta de policultivos anuais, criação de animais de diversos tipos, cultivos de espécies permanentes frutíferas e florestais, além de outras atividades produtivas desenvolvidas ao redor da casa de morada, formando uma paisagem idêntica aos hortos caseiros e/ou quintais agroflorestais, que são agroecossistemas conhecidos por sua adequação a regiões densamente povoadas, calorosas e por sua eficiência para a produção de alimentos a partir dos recursos renováveis locais. (KRISHNAMURTHY, 2002).

Apesar da pressão do latifúndio canavieiro sobre as áreas de agricultura familiar camponesa na região, é possível encontrar sítios remanescentes da década de 60 do século passado, que pelo manejo ecológico empregado continuam produzindo alimentos sem degradar a base de recursos naturais que lhes sustenta (GLIESSMAN, 2005). Assim, os sítios são desde a perspectiva agroecológica estilos de agricultura sustentáveis que tiveram e ainda tem um papel importante para auto-suficiência alimentar, para conservação da biodiversidade e, em certos casos, para ampliar a resistência política do campesinato, conforme os discursos de famílias entrevistadas, que são apresentados no item resultados.

Metodologia

A perspectiva metodológica deste trabalho se inscreve no âmbito de uma investigação mais ampla realizada junto a assentamentos rurais da região canavieira pernambucana. Na oportunidade, além do estudo de caso sobre os assentamentos, buscou-se identificar e visitar "sítios de moradores". Estes, desde nossa opinião, constituem uma referencia teórica e prática de manejo ecológico cuja finalidade é a reprodução social das famílias, representando deste modo um contraponto ao modelo canavieiro latifundiário orientado para produção de mercadorias e obtenção de lucro.

Além das caminhadas realizadas em companhia dos camponeses por dentro dos sítios,

Resumos do VI CBA e II CLAA

utilizaram-se como ferramentas metodológicas a entrevista grupal e aberta com membros das famílias a partir de um roteiro temático (OLABUÉNAGA, 2003). Como também a realização de anotações em um “caderno de campo” e de fotografias com a finalidade de garantir uma memória escrita e visual destes agroecossistemas biodiversos construídos desde os conhecimentos tradicionais da região canavieira pernambucana, particularmente em Ribeirão e Sirinhaém, municípios deste estudo de caso. Os entrevistados foram informados dos objetivos da pesquisa e as informações apresentadas a continuação foram autorizadas pelos mesmos.

Resultados e discussões

Potenciar a biodiversidade foi a principal estratégia produtiva dos sítios. Nestes termos, os camponeses desenvolveram uma agricultura de uso múltiplo (TOLEDO, 2003) caracterizada por uma grande mistura de componentes vegetais e animais, aproveitando todos os espaços existentes na unidade econômica familiar. O emprego desta estratégia respondeu com uma produção diversificada, permanente e abundante, assegurando a família camponesa uma oferta regular de alimentos para auto-consumo e mercado local, que contrastam com insegurança alimentar, crônica gerada pelo latifúndio canavieiro.

Esta diferença ficou explícita durante as entrevistas realizadas. Um casal de camponeses que vive a vinte e dois anos no Sítio Confiança, em Ribeirão, fala com propriedade sobre a função social deste agroecossistema: “Aqui nunca faltam alimentos. Criei meus setes filhos com os produtos do sítio. E ainda hoje sobram muito produtos que enviamos para nossos filhos na cidade e doamos as pessoas que vem da cidade.”

Em outro lugar, município de Sirinhaém, um camponês recorda o sítio onde viveu que era uma referência para toda comunidade da seguinte forma: “A terra era pouca, a renda era pouca, porém tinha muita abundancia de alimentos e boa infra-estrutura.” Deste modo, a produção atendia às demandas de auto-consumo das famílias camponesas, ao mesmo tempo em que conservavam a biodiversidade, cumprindo assim funções ambientais importantes como de “nicho ecológico”, abrigando animais silvestres que fugiam das queimadas e dos herbicidas aplicados indiscriminadamente no canavial.

Desde a perspectiva política, a estabilidade produtiva dos sítios camponeses gerava, em determinados casos, as condições para os trabalhadores enfrentarem as greves por salário de forma menos vulnerável. Sobre isto, um camponês entrevistado afirma que “um trabalhador que vivia no sítio tinha mais resistência às greves”. Discurso semelhante ao do líder do Sindicato de Trabalhador Rural de Ribeirão: “Os moradores de sítios tinham os meios para sobreviver. Colhiam mandioca, faziam farinha, vendiam na feira e assim passavam”. De acordo com este informante, isto se tornou um mecanismo de pressão política contra os empresários, que os camponeses da região expressavam assim: “O patrão não quer assinar o acordo e pagar o meu salário. Eu passo um mês parado, tenho mandioca e outros produtos. Vou comendo, quero ver se ele suporta”.

Ainda de acordo com este entrevistado, era comum os moradores de sítio participarem dos “fundos de greve” organizados pelos sindicatos, ofertando alimentos oriundo dos sítios com o objetivo de sustentar as famílias de companheiros que não tinham os meios para se manterem. Deste modo, é possível identificar uma solidariedade entre aqueles que estavam na luta social e também certo papel político dos sítios para a sustentação das greves de assalariados da cana.

Conclusões

Os sítios de moradores devem ser considerados como uma estratégia camponesa onde estão impressos dois elementos-chave: a potencialização da biodiversidade e a orientação socioeconômica para produção de valores de uso, principalmente aqueles destinados ao auto-

Resumos do VI CBA e II CLAA

consumo da família camponesa. Esta estratégia não é produto do acaso, mas fruto de uma ação consciente, planejada e implantada desde os conhecimentos próprios para enfrentar o quadro crônico de fome que o modelo “moderno” da cana de açúcar gerou e que poderá ampliar-se com o avanço do agronegócio canavieiro e refluxo da proposta de reforma agrária na atualidade.

Os sítios camponeses, ainda pouco estudados desde a perspectiva socioecológica, representaram muito em termos de ensinamento para o desenho de estratégias produtivas menos dependente de insumos externos e de capital, e ao mesmo tempo eficiente quanto à produção de alimentos, energias e outros materiais essenciais para reprodução social da população local. Deste modo, podem ser tomado como referencia histórica de manejo ecológico dos recursos naturais para subsidiar processos de transição agroecológica no seio de assentamentos rurais existentes na região.

Referências

ANDRADE, M.C. *A Terra e o Homem no Nordeste*. 6.ed. Recife: UFPE, 1998.

CASTRO, J. *Geografia da Fome*. 19.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DABAT, C.R. *Moradores de Engenho*. Recife: UFPE, 2007.

GLIESSMAN, S. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MENDONÇA, M.L. *A OMC e os Efeitos Destrutivos da Indústria de Cana no Brasil*. Recife: CPT, 2006.

KRISHNAMURTHY, L. GÓMEZ, M.U. *Tecnologias Agroforestales para el Desarrollo Rural Sostenible*. México: PNUMA, 2002.

OLAGUÉNAGA, J.I.R. *Metodología de la investigación cualitativa*. 3.ed. Bilbao: Universidad de Deusto, 2003.

SANTOS, B. S. “Nem tudo que reluz é verde”. *Folha de São Paulo: Caderno Cidades*, 2007.

SHIVA, V. *Monocultura da Mente*. São Paulo: Gaia, 2003.

TOLEDO, V. et al. *The multiple Use of Tropical Forest Indigenous Peoples in México: a Case of Adaptive Management*. *Conservation Ecology*, v. 7, 3, p. 9, 2003. Disponível em: <<http://www.consecol.org/vol7/iss3/art9>> acesso em: 06 mai. 2006.